

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS NOS CEMITÉRIOS DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO E VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO SALVADOR [1850-1920]

Cibele de Mattos Mendes *

Resumo:

Foram selecionados para estudo dois cemitérios inaugurados em meados do século XIX, todos situados na zona urbana da Cidade do Salvador. Ambos pertencem a ordens religiosas: O *Cemitério da 1ª Ordem de São Francisco, ou Convento de São Francisco* e, *Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo*, escolhidos com o objetivo de conhecer, através da leitura das imagens artísticas, estilos, influências, identificação de artistas – artesãos, bem como através do registro dos túmulos peculiares, que representem o seu entorno e/ ou que expressem claramente os valores desse tipo de produto, o seu apuro artesanal e artístico, sob os postulados da História da Arte e das Mentalidades.

Palavras-chave: Salvador. Arte Funerária. Iconografia.

É um desafio refletir, nos dias atuais, sobre o sentido que a morte adquire para os indivíduos na sociedade baiana nos meados do século XIX e início do XX, no que se refere ao universo de: atitudes, práticas, crenças e rituais, presentes nas representações funerárias, num momento de transformação dos costumes. Isto se acentua quando se objetiva compreender a arte como reação dessa sociedade perante a finitude da vida, uma passagem, inevitável e intransferível, que atinge a todos, independente de classe, cultura e religião. Dessa forma, as representações compartilhadas pelos membros de uma sociedade, são de fundamental importância para caracterizá-la, porque dão conta do seu perfil em determinado momento histórico, possibilitando aos seus integrantes

reconhecerem-se como participantes dela, da mesma forma em que a percepção do sentido da vida e da morte, que então prevaleciam, também sofreram alterações na consciência da vida terrena, refletindo-se na arte.

A Arte Funerária anônima ou assinada, desde o século XIX, pauta-se na tradição ocidental judaico-cristã da esperança, do descanso no aguardo da ressurreição. Não havendo lugar para a desesperança ou para a condenação. Assim, os familiares alimentam o artista com dados da vida do morto, ou dos mortos de suas famílias, inspirando-os para que possam despertar a imaginação e compor em diversos materiais como o mármore, o bronze, o ferro, e o granito. No entanto a história de vida contada sempre conterà dados de uma pessoa que teve uma vida digna e honrada.

Pode-se recorrer à escatologia para representar a transitoriedade da vida, às alegorias de anjos, crianças, e adultos, que são guias, conduzem as almas, em cujas expressões fisionômicas e gestuais dependerão do estilo em voga, ou da interpretação do artista. Podem parecer tranqüilos, em êxtase, absortos ou extremamente reais. Quando crianças, cabelos cacheados, ou longos, trajando camisolinhas, como se tivessem acabado de acordar, com asas ou não; envoltos em drapeados, panejamentos, transparências e atitudes sensuais, abrindo-se e erguendo-se asas majestosas.

Essas práticas, representações e formas artísticas, de meados do séc. XIX e início do XX em sua grande maioria, provenientes da Europa, influenciaram a Arte Funerária presente no Conjunto de Cemitérios da Quinta dos Lázarus, em Salvador - Ba. Um Conjunto Cemiterial *sui generis* e congregador das mais diversas categorias político-sociais, cuja História conjugada à Arte permaneceu anônima por mais de (200) duzentos anos, devido à ausência de informações, escassez de bibliografia e estudo aprofundado.

Conhecer o porquê desse anonimato foi determinante para a escolha deste objeto de estudo, por ser necessário refletir, ou se permitir conhecer o nível da produção artística baiana revelada através das representações fúnebres, para que se pudesse conhecer o sistema de morte dessa sociedade, além de poder compreender os “silêncios” históricos sobre o lugar.

A instituição dos Cemitérios em estudo, para fora dos limites da Cidade de Salvador, não foi decorrente dos costumes baianos, mas proveniente de idéias higienistas e de urbanização originárias da Europa. No Brasil, a primeira Lei Colonial, denominada de Carta Régia, número 18, de 14 de janeiro, expedida em 1801, pelo príncipe regente de Portugal Dom João VI determinava que em seus domínios ultramarinos, para o bem da saúde pública, fossem proibidos os sepultamentos nas igrejas, prescrevendo orientações precisas para a construção de cemitérios extra-muros nas cidades (APEB, S. H. Cartas Régias, 1800-1901) .

Essa lei combatia as práticas vigentes de sepultamento em resposta a uma queixa recebida pela Coroa contra os enterros “nas igrejas que ficam dentro das Cidades Populosas dos Meus Domínios Ultramarinos” (REIS, 1998, p. 274). E, também ordenava que se construíssem cemitérios fora das cidades e, depois de consultada a diocese local, os preceitos higiênicos se harmonizassem com a doutrina religiosa. Os terrenos para este fim deveriam ser secos, amplos e arejados.

Mas, o entendimento entre autoridades provinciais e municipais não eram as melhores. A Câmara elaborava posturas draconianas que o governo provincial modificava. As Leis eram promulgadas na Corte, mas os sepultamentos nas igrejas perduraram, devido à falta de estudos para a construção de um cemitério extra-muros, tais como: localização, estudo populacional, confecção do projeto em planta e existência de instrumentos de fiscalização para execução das posturas (RODRIGUES, 1997, p. 90). Um dos motivos pelos quais o cumprimento da Ordem Régia não ocorreu.

Foram inúmeras as Leis que dispuseram sobre a mudança dos cemitérios da cidade, para locais afastados e, todas não foram aplicadas, ou, em alguns casos feita de maneira isolada por alguns moradores, mas insuficiente para que a transferência dos sepultamentos fosse colocada em prática. Um fato, porém desencadeou questionamentos em torno dos costumes e tradições dos sepultamentos: Em 04 de junho de 1836, foi sancionada a Lei Provincial de nº 17, autorizando ao Senhor José Augusto Pereira de Mattos e Companhia de Cemitérios da cidade, concedendo privilégio exclusivo – concessão através de monopólio por 30 anos - à Companhia de Cemitérios da Cidade a para a construção e administração. Essa Lei Provincial vedava os enterramentos nas igrejas como também nas Catacumbas, tirando o sono e a paz das Irmandades e Ordens Terceiras, que promoveram desacatos à Lei, assim como desordens na cidade (ALVES, 1945, p. 278-279).

As Ordens Terceiras resistiram o que puderam, enfrentando e desafiando o Governo Provincial. A mais inflamada foi a Venerável Ordem Terceira do Carmo, que convidou a Venerável Ordem Terceira de São Francisco, para uma reunião juntamente com a Ordem Terceira de São Domingos, já que se aproximava a data da inauguração do Cemitério do Campo Santo, marcado para o dia 23 de outubro. Neste mesmo dia, todas as Ordens Terceiras, menos a de São Francisco, fizeram um manifesto, que foi recebido pelo Presidente da Província das mãos dos representantes da massa concentrada em frente ao palácio, no dia da destruição do Campo Santo; 25 de outubro de 1836. Nesta data mais de duas mil pessoas (muitas mulheres: rezadeiras e carpideiras), negros, negras, escravos e livres, membros das irmandades, se uniram na ação por volta das onze da manhã, só sendo controlada a destruição às quatro da tarde (REIS, 1998, pp. 300; 318-320; 330).

O tempo foi-se passando nesta peleja, até que, em 1855 veio a ocorrer a Epidemia do Cólera, dizimando boa parte da população da Capital e grande parte do interior, sem que se conhecesse a forma de combatê-la, justificou-se a o seu contágio, como decorrentes dos “miasmas” presentes no ar, decorrentes da decomposição dos mortos (sepultados nas igrejas, laterais ou fundos), razão pela qual, velar, celebrar missa, tornaram-se costumes que não podiam mais ser realizados, pois o contágio atingiu proporções mortais.

A população baiana entendendo que a Epidemia de Cólera era uma realidade cruel, já havendo feito, em 1855, 8 mil mortos entre os seus 40 mil habitantes, substituiu os cuidados e costumes relativos à morte, pelo “horror aos mortos”. Ninguém mais protesta diante da peste, interpretada por muitos como um castigo divino, havendo conformação com a idéia de expulsar os mortos da cidade e, o abandono dos valores antes considerados sagrados (ATHAYDE, 1985, pp. 22; 28-30). O medo incidiu diretamente nos costumes e no instinto de sobrevivência dos baianos, sendo possível perceber a relação direta entre a epidemia e a criação de cemitérios extra-muros. Devido ao alto índice de mortalidade os cemitérios públicos espalharam-se por diferentes localidades, ocupando as mais variadas paisagens urbanas do século XIX.

O Governo, não arriscando desgostar demais as confrarias religiosas, doou-lhes um terreno no morro da Quinta dos Lázaros onde, pouco a pouco, Ordens e Irmandades Religiosas de Salvador foram instalando os seus cemitérios (REIS, 1998, p. 338). A partir desse momento, as discussões acerca dos costumes, são substituídas pela preocupação em tornar o lugar sacro, adquirindo sepulturas e erigindo jazigos individuais. Para o alto da colina dos lázaros, aos poucos, foram localizando-se, Ordens Primeiras, Ordens Terceiras, Irmandades, Confrarias e Associações de Classe.

Com a denominação de Conjunto Cemiterial da Quinta dos Lázaros, possui localização entre os bairros do IAPI, Cidade Nova e Pau Miúdo, na Cidade do Salvador–Ba. Ao contrário do que se imagina, é composto por 05 (cinco) cemitérios: *Cemitério Público da Quinta dos Lázaros*; *Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco*, *Cemitério do Convento de São Francisco*; *Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo* e *Cemitério dos Israelitas*. Um lugar considerado de reprodução simbólica do universo social, religioso e artístico baiano no século XIX, e palco de expressão artística e democrática dos sentimentos, desejos e emoções de membros de Ordens Religiosas, Irmandades, Órgãos e Associações de Classe. A construção desses cemitérios recebeu apuro artesanal e artístico, além de uma reinterpretação dos valores vigentes nos espaços funerários europeus.

Para esse estudo de Arte Funerária, especificamente, foram selecionados os Cemitérios *do Convento de São Francisco* e *Venerável Ordem Terceira do Carmo*, um, pertencente a padres e freiras, o outro,

destinado a membros da Ordem e leigos. O objetivo foi conhecer, através da leitura das imagens artísticas, estilos, influências, identificação de artistas – artesãos, bem como através do registro dos túmulos peculiares, que representem o seu entorno e/ ou que expressem claramente os valores desse tipo de produto, o apuro artesanal e artístico, sob os postulados da História da Arte e das Mentalidades.

A partir desse momento da pesquisa, foram sendo observadas as intenções de preservar à honra do morto e da família diante a sociedade, partindo-se dos tipos mais variados de representações existentes. Foi estabelecido um levantamento espacial e iconográfico das sepulturas, partindo de categorias pré-estabelecidas, sendo analisados, em ambos os cemitérios, os túmulos, ossuários, mausoléus, epígrafes, elementos escultóricos e arquitetônicos, cuja iconografia restringiu-se aos túmulos selecionados como representativos do período estudado. Foram selecionados signos não-verbais como figuras antropomorfas, zoomorfas, fitomorfas, signos ligados ao fogo, de distinção social, imagens sacras e símbolos cristãos.

Foram trabalhadas fontes, tanto manuscritas quanto impressas, privilegiando a pesquisa documental, realizada no Arquivo Público Estadual, Arquivo Público Municipal, Arquivo da Ordem Primeira de São Francisco e Terceira do Carmo, Memorial da Câmara Municipal, Cartórios de Registros de Propriedades, Base Aérea de Salvador e Conder. A documentação escrita foi composta por Livros de Atas, de Registros, de Sepultamentos, de Apontamentos dos terrenos, bem como as Guias de Óbitos, Ofícios, Cartas, Recibos e várias anotações no diário de campo.

Foi realizado um minucioso estudo das primeiras sugestões acerca da Arte Funerária no Brasil, através do livro, *Os Riscadores de Milagres*, publicado em 1967, por Clarival do Prado Valladares, que focalizou a produção artística relacionada aos ex-votos e a arte cemiterial baiana; além de uma análise sociológica e histórica dos cemitérios no Brasil, em 1972, em que o autor estudou desde sepulturas de igrejas a catacumbas e necrópoles secularizadas.

Os estudos do livro *A Morte é uma Festa*, publicado em 1998, por João José Reis, em que desvela os rituais e cortejos fúnebres, apresentando a uma espécie de revolta popular no Brasil do século XIX. Em 1999, Janete Macedo e André Luiz Rosa, por analisarem o Cemitério da Vitória, objetivando conhecer a sociedade da região cacauera, especificamente Ilhéus, Sul da Bahia, no século XIX, também auxiliam nas pesquisas, juntamente com a dissertação de Mestrado, defendida em 2003, por André Luiz Rosa pela UFBA, aprofundando as primeiras análises sobre Memória e Identidade: reformas urbanas e arquitetura cemiterial na região cacauera do sul baiano (1889-1950).

No que diz respeito à pesquisa desenvolvida nesta Dissertação, *Práticas e Representações Artísticas nos Cemitérios do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo*, que ora é apresentada, a abrangência espaço-temporal foi estabelecida em (1850-1920), período considerado pelos estudiosos da Arte Funerária como “época de ouro dos cemitérios” (VOVELLE, 1989, p. 257), cujas representações passaram por inúmeras influências, bem como por uma espécie de exacerbação artística, fato que veio a refletir-se também na Bahia.

Num período em que as atitudes perante a morte e, os rituais fúnebres, estavam sendo afetados pela obrigatoriedade dos sepultamentos fora das igrejas. A construção desses cemitérios recebeu apuro artesanal e artístico, além de uma reinterpretção dos valores vigentes nos espaços funerários europeus.

Em pleno período escravista as representações tratam da finitude da vida, predominando na arquitetura, caveiras com tíbias, foices, etc. Após a queda da monarquia, fortes crises políticas e sociais afetaram a burguesia causando um empobrecimento da construção arquitetônica, tornando os elementos decorativos massificados. Na passagem do século XIX para o XX, com a reativação da economia, esses espaços tornam-se palco de força e poder, em que renomados artistas são contratados, e a sociedade volta a investir na morte, tornando o cemitério um local privilegiado de demonstração de status social e econômico.

O interesse por esse período de estudo (1850-1920) na Arte Funerária, adveio da constatação de que a mudança dos locais de sepultamentos interferiu nas práticas e representações fúnebres, como também no estabelecimento das novas relações, confrontos e soluções histórico-sociais que ajudaram a compor a memória artística da Bahia, através das técnicas, soluções decorativas e ornamentais identificadas nos túmulos e sepulturas, traduzindo materialmente aspectos da sociedade, sendo por isso mesmo, de considerável relevância para o entendimento da mentalidade desta época na Cidade do Salvador.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados diversos métodos de abordagem: Análise-síntese, predominante em todas as etapas do trabalho; Histórico, para entender as relações entre os indivíduos da sociedade e a situação religiosa que se instalou, ou se transformou. Somando-se a esses, o método Iconográfico (PANOFSKY, 1986, p. 53), que, por ser capaz de identificar convenções criadas, sentimentos, mitos, motivos e elementos componentes de uma ideologia; uma espécie de representação mental coletiva retratando aspectos pontuais do cotidiano, permitindo identificar e definir as unidades e/ou objetos que são construídos ou representados.

O autor propõe, para a análise de um objeto visual qualquer, primeiramente sua descrição; depois, seu correlacionamento com outros elementos formadores da cultura da qual faz parte; e, finalmente, neste correlacionamento, o surgimento da possibilidade de descobrir o significado intrínseco e sua função naquela sociedade, transformando-o em registro de uma época. Com a realização destas etapas chega-se ao ponto em que o objeto visual, descrito, identificado e decodificado, passa a explicar, em conjunto com outros documentos ou solitariamente, no caso de ser ele o único registro restante, o momento histórico, a conjuntura em que ele foi concebido, suas finalidades, seus objetivos.

Neste momento o método utilizado denominando Iconológico, reúne todas as informações, interpretando e explicando as imagens alegóricas representadas através de uma síntese. Os Procedimentos ou técnicas utilizados foram: Pesquisa bibliográfica composta de documentos manuscritos e impressos dos arquivos e bibliotecas públicas e privadas, sobre os cemitérios, destaca-se o material procedente do Arquivo Público do Estado da Bahia, Biblioteca dos Barris, Biblioteca do Mosteiro de São Bento, Biblioteca de Belas Artes, Biblioteca do Museu Eugênio Teixeira Leal, Memorial de Medicina, Leis Régias, Livros de Atas, Registros de Sepultamentos, Apontamentos de terrenos, guias de óbitos, ofícios, cartas, recibos, regulamentos e posturas municipais, escrituras, comunicados e jornais da época, depoimentos, etc.

A pretensão em pesquisar as Práticas e Representações Artísticas de dois cemitérios particulares em Salvador esbarrou nas necessidades de compreensão do processo de mudança do local de sepultamento (da Igreja para fora da cidade), da identificação das práticas estéticas e, principalmente, na necessidade de conhecer os artistas, artífices e operários que trabalharam naqueles sítios.

Para melhor entender as Práticas e Representações artísticas presentes nestes Cemitérios, tornou-se necessário recorrer à documentação fotográfica, para dar uma idéia global do monumento e catalogação da ornamentação dos túmulos e mausoléu. Este material, arrolado em fichas de documentação, foi destinado a recolher, sucintamente, todas as informações de caráter histórico, formal, estilístico e iconográfico objetivando compreender as manifestações do homem diante da vida e da morte, enfatizando aspectos do cotidiano, geralmente negligenciados por abordagens mais tradicionais. Este cuidado possibilita revelar aspectos mais profundos da realidade social, cujos túmulos são um testemunho estético da visão do homem diante da finitude humana.

A mais importante de todas as significações, que são dessa forma produzidas, é aquela que diz respeito à própria sociedade, sua representação de si como alguma coisa: essa representação está indissociavelmente ligada a um desejar-se como esta sociedade, a um amar-se como esta sociedade.

É essa significação que permite, a cada indivíduo, identificar-se a um “nós”, a uma coletividade, em princípio, imperecível. “Sentido que concerne à auto-representação da sociedade; sentido participável pelos indivíduos, sentido que lhes permite criar para o seu proveito pessoal um sentido de mundo, um sentido da vida e, finalmente, um sentido da sua morte” (CASTORIADIS, 1982, p. 126-127).

De acordo com Mauro Koury (1999 pp. 75-76), o sentimento (incluindo a dor) é uma construção social que submete os indivíduos a uma sociabilidade. Dessa forma, as expressões funerárias, intimamente ligadas à preservação da memória individual e coletiva são importantes objetos de estudo. O lugar de memória é, portanto, um marco de transição entre dois eixos. Em suas dimensões concretas, tais lugares vão remeter a museus, arquivos, cemitérios, tratados, entre outros signos de rememoração. Assim, no momento em que uma tradição de memória, enquanto processo experimentado e vivenciado coletivamente, começa a se esvaír, é preciso criar marcos para ancorar essa nova memória (NORA, 1988, p. 83).

O Túmulo converte-se, também, num jorrar de dor e lágrimas, por um detalhe, um ornato, um meneio de cabeça da alegoria, uma epígrafe. Mas, o grande mistério está no espectador, em criar e recriar a história, atualizando o fato, pela leitura dos elementos decorativos que vê; tanto no mármore, granito, cimento ou em qualquer outro material, é possível perpetuar histórias de dor e memória, como se encantar, verter lágrimas e até sorrir.

O primeiro Cemitério a ser estudado foi o do Convento de São Francisco, fundado em 1857 e, o segundo, o da Venerável Ordem Terceira do Carmo, com fundação em 1859. Apresenta decorações sem luxo e exacerbação, podendo-se perceber o anonimato dos muitos sepultados, através da simplicidade da ornamentação e quase total inexistência de mobiliário fúnebre, desprovidos de maiores sinais de tipo de vaidade, algo intencional estribado na filosofia da Ordem. Neste cemitério percebe-se – através do anonimato dos túmulos dos frades –, sepultados diretamente no chão, coerência com o espírito da Ordem, justificado pela máxima: “Fostes pó e ao pó retornarás”, devendo transparecer em tudo a pobreza rigorosa e rejeição ao supérfluo e desnecessário.

Desde o pórtico de entrada identificam-se representações escatológicas, de modo a transmitir a transitoriedade da vida, como: a inscrição *HODIE MIHI CRAS TIBI*, “O que me suceder, suceder-te-á amanhã”¹; uma figura alegórica com a foice (simbolizando a morte e o destino comum a todos); representações de caveiras com tábias em santor, acompanhadas ou não por tochas; assim como um forno crematório com representações de corujas, anjos, soldados com elmos e bustos de descarnados, caveiras com tábias em santor com ornamentos de tecidos e foices, contendo na

sua abertura, a seguinte inscrição: *Os nossos esperam os vossos*, como que colocando o passante a refletir sobre a impermanência da vida e, que em breve, a morte ceifará mais um.

São 43 jazigos—perpétuos com cruzes trilobadas e aguçadas pertencentes aos frades franciscanos, em cimento armado, com formato de caixão ou sarcófago. Os restos mortais são depositados diretamente na terra, e posteriormente confeccionados os sarcófagos em cimento. A disposição dos túmulos, formato e simetria os fazem únicos no Brasil. Até um determinado período, esses túmulos permaneceram sem identificação dos restos mortais e data do falecimento. Frei Hugo Fragoso², em pesquisa inédita, após exaustivos trabalhos de decupagem, conseguiu restabelecer as datações, confeccionando pequenas lápides onde foram inscritas as datas de falecimento.

Foram identificados 1.477 túmulos e, selecionados para análise 07, considerados representativos do entorno. Após a seleção e análise dos túmulos considerados representativos, foi realizada a identificação dos signos não-verbais baseados em classificação estabelecida por Lima (antropomorfos; zoomorfos; fitomorfos; de nobreza ou distinção social e objetos), cujos dados foram registrados em Fichas de Classificação e Documentação.

No decorrer da pesquisa, foi possível identificar três artistas - artesãos que trabalharam neste Cemitério: *Manuel Friandes* (1832-1904)³; *João José Lopes Braga* (?)⁴ e *Thomaz Pereira Palma* (1837- ?)⁵.

O Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo foi a instituição que mais resistiu à mudança dos costumes. O cemitério pertencente a uma das Ordens mais ricas de Salvador e do Brasil, realizava encomendas de materiais diretamente de Portugal e França, possuindo os melhores artistas e artesãos do mercado, no século XIX. Mesmo com a ocorrência da Epidemia do Cólera, insistia em sepultar os seus irmãos nas Catacumbas da sua Igreja. Não mais conseguindo resistir aos reclamos do Governo, através da Lei de doação de terrenos, construiu o seu cemitério, também, no alto da Colina dos Lázarus.

Seus artistas e artesãos trabalhavam a cinzel e buril, cujos ateliês localizavam-se na Ladeira do Taboão ou no próprio cemitério, onde eram acertadas as encomendas e, escolhidos os motivos a serem usados nas decorações dos túmulos. Local onde passaram a ostentar o poder da Ordem. Suas representações foram muito influenciados pela *Art Nouveau*, *Art Dèco*, Barroco e estilo eclético. Daí o por quê da existência das imagens de Anjos.

Alguns dos artesãos, que trabalharam no Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo, estabeleceram suas oficinas *in loco* por um determinado período, local onde eram acertadas as encomendas e, escolhidos os motivos a serem usados nas decorações dos túmulos. Dentre

àqueles aos quais foram atribuídos autoria, foi possível identificar: *João Cândio Rodrigues* (1900 - ?)⁶; *Enéas Sacramento* - (1837 - ?)⁷; *Thomaz Pereira Palma*⁸.

BELLAS; CÂNCIO; BRITTO; A. J. CARVALHO e CÂNDIDO MARMORISTA, tiveram suas obras identificadas nos cemitérios de Igrejas e catacumbas de Salvador; assim como, muitos outros estão disponíveis para o pesquisador que se dispuser a encontrá-los.

NOTAS

* Museóloga e Mestre em Artes Visuais. Professora Substituta do Departamento I na disciplina História da Arte I e do Mobiliário – EBA/UFBA. Email: cibematt@ig.com.br

¹ Esse tipo de inscrição tem o objetivo de fazer com que o homem reflita sobre a impermanência da sua própria vida, e sobre o fato de que, em breve, será o próximo que a senhora morte há de legar. É possível estabelecer um paralelo com a Capela dos Ossos em Portugal, que guarda grande curiosidade e se estabelece como sendo um dos ex-libris da cidade de Évora. A capela foi construída nos séculos XVI e XVII, no lugar do primitivo dormitório dos frades. A sua construção partiu da iniciativa de três frades franciscanos que queriam proporcionar uma melhor reflexão acerca da brevidade da vida humana. A capela é constituída por ossadas provenientes das sepulturas da igreja do convento e de outras igrejas e cemitérios da cidade. As paredes, e parte das abóbadas da capela estão revestidas de milhares de ossos humanos que ilustram a idéia dos monges fundadores expressa na frase que encima o pórtico da capela: *Nós ossos que aqui estamos, pelos ossos esperamos*. http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_dos_Ossos. Acesso em: 08.10.2006. Há também um filme brasileiro, um documentário de 1998, dirigido por Marcelo Masagão, uma espécie de memória do século XX, que faz alusão a esta máxima.

² Professor aposentado de História da UCSAL. N. da Autora.

³ Foi empreiteiro-construtor e mestre-de-obras de galerias e carneiros do Convento, na Ordem Terceira de São Francisco (PEIXOTO, 1945, p. 253-254), nos Cemitério da Quinta dos lázaros e da Igreja de Nossa Senhora e Santana (QUERINO, 1909, p. 206).

⁴ Mestre de obras e delineador da planta do cemitério do Convento e, VOTSF (*LIVRO DE TOMBO DOS GUARDIÃES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO 1587-1862*, 1978, nº. 28, p. 53-54).

⁵ Canteiro-marmorista nasceu em 1837, viveu até idade avançada, deixando numerosas obras nos cemitérios baianos e fez muitos discípulos (QUERINO, 1909, pp. 192; 253). Dirigiu o assentamento do Monumento ao Dois de Julho. Misto de artista e operário da construção civil, religiosidade no Cemitério da Igreja de Santana em 1884 na construção de 36 jazigos, canteiros para um jardim no referido cemitério, caimento geral e pinturas pela quantia de um conto e quatrocentos. Atuou e investiu na criação e fundação do Liceu na primeira diretoria (LEAL, 1996, pp. 73; 155).

⁶ Exímio entalhador de detalhes florísticos em carneiras, representava mais o "Art Nouveau". Valladares (1972, p. 1310) identifica como de sua autoria dois túmulos da Ordem Terceira do Carmo. Estes túmulos não mais existem. O primeiro é descrito, segundo fotografia, como sendo encimado por uma cruz em diagonal, contendo detalhes em ornatos florísticos. O segundo, datado de 1916 e demolido em 2002, segundo informações do administrador do Cemitério, Sr Cristiano e um marmorista que trabalha no local, seu estilo se encaixava no "Art Nouveau", ornamentado com objetos prontos de porcelana.

⁷ Aprendiz de João Cândio e de Secundino, conhecido como o "Mestre-de-Corte". No início do séc. XX entalhava túmulos de mármore, esculpia figuras de anjos e outras alegorias, afirmando serem importadas de Lisboa e Itália (VALLADARES, 1967, p.129).

⁸ Canteiro-marmorista, fazia parte da comissão paroquial da Igreja de Nossa Senhora e Santana e angariava sócios para a fundação do Liceu de Artes e Ofícios; pertencia à Comissão econômica e ficou em sexto lugar para a eleição da Primeira Diretoria do Liceu de Artes e Ofícios em 1872 (teve 178 votos) (APEB, *Atos do Presidente da Província*, maço 1000 (1872) (APEB, *Série Instrução, Correspondências*, maço 4015, 04 de nov. de 1872).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marieta. **História da Venerável Ordem Terceira do Seráfico Padre Seráfico São Francisco da Congregação da Bahia**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional / OTSC, 1948.
- APEB, *Seção Histórica*, Cartas Régias, (1800 – 1901).
- ATHAYDE, Johildo Lopes de. **La ville de Salvador au XIXe siècle. Aspects démographiques**. Thèse de Doctoral présentée à l'Université de Paris X (mimeofrafada)1975. *Salvador e a grande epidemia de 1855*. Salvador: Publicações do Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1985.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Trad. de Guy Reynaud; RJ, Paz e Terra, 2ª Ed, 1982.
- FRAGOSO, Hugo Fr. **São Francisco do Paraguaçu. Uma história sepultada sob ruínas**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2004.
- KOURY, M. G. P. (Org.). **Imagem e memória: ensaios de antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- LEAL, Geraldo Costa. **Salvador dos Contos Cantos e Encantos**. Salvador: Santa Helena, 1996.
- LIMA, Tânia Andrade. **Dos morcegos e caveiras e cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX**. In: *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*. São Paulo, V. 2, 1994.
- NORA, P. **Les lieux de la mémoire 1**. Paris: Seuil, 1978.
- PANOFSKY, Erwin. **Estudos sobre iconologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.
- PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1945.
- QUERINO, Manoel Raymundo. **Artistas Bahianos: Indicações biográficas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.
- REIS, João José. **A Morte é uma Festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos. Tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.
- VALLADARES, C. do Prado. **Os riscadores de milagre**. Rio de Janeiro. Séc. De Educação do Estado da Bahia, 1967.
- _____. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura – Departamento de Imprensa Nacional, 1972.
- VOVELLE, Michel. **Immagini e immaginario della storia**. Roma: Editori Riuniti, 1989.